

O almoço da pequena ogra

É uma pequena ogra. A mãe morreu, o pai também, e ela vive sozinha num castelo enorme.

Todos os domingos, a pequena ogra come uma criança ao almoço. Para os ogros, trata-se de uma tradição familiar: come-se uma criança por semana e duas nos dias de festa.



A pequena ogra caça a criança à quarta-feira.

No meio de um caminho, instala uma jaula cuja porta é mantida aberta por uma corda. Na jaula, põe um bolo. As crianças querem o bolo e entram na jaula: são tão ingénuas! Logo que a ogra solta a corda, a porta fecha-se, a criança grita, chora, chama pela mãe, mas já é demasiado tarde.

Numa quarta-feira, a pequena ogra vê um rapaz aproximar-se da jaula.

Pára, olha para cima e vê-a. "Que maçada!", pensa a ogra.

Mas o rapaz entra na jaula e senta-se tranquilamente ao fundo.

— Livra — diz a ogra — este é ainda mais ingénuo do que os outros.

E larga a corda.

O rapaz não chora, não grita, não chama pela mãe.

Diz: — Bom dia, és uma verdadeira ogra?

— Que criança estranha — pensa. «Pergunto-me se é comestível.»

— Reconheci-te — diz o rapaz — porque li um livro sobre a vida dos ogros.

— Ai, sim! Está bem — responde a ogra. Põe a jaula num monta-cargas e leva-a para casa.



A pequena ogra pica o rapaz com um garfo e serve-lhe uma salada de sal e pimenta, para dar mais sabor à sua carne. Geralmente as crianças não querem engolir nada, mas este rapaz quer mais. E pede também molho.

E quando, no domingo, a pequena ogra entra na cozinha, encontra a jaula aberta. O rapaz saiu; está a pôr a mesa. — É para te ajudar — diz. — Mas se preferires, posso voltar a pôr tudo no sítio.

O rapaz volta a pôr tudo no seu lugar. Constrói ainda uma escada para guardar os tachos em cima, e passa a esfregona.

E explica: — Esta jaula tem um problema, fecha mal. Olha: falta-lhe um cunho.

Depois disso, entra de novo na jaula e fecha a porta. A pequena ogra diz com os seus botões que não tem assim tanta fome para comer uma criança daquelas. Comê-la-á no próximo domingo.

Na quarta-feira, a ogra acorda de mau humor.

Até gostaria de ir à caça, mas a jaula está ocupada.

Podia comer o rapaz ali mesmo, naquele momento, mas não é domingo.

Sai. Dá pontapés nas árvores e nas pedras. Está de muito mau humor.

Quando volta à noite, a jaula está vazia. A ogra fica furiosa: deita as cadeiras por terra, procura nas prateleiras, ralha.

Depois, põe-se a chorar. Então, o rapaz sai do esconderijo.

— Eu saí para beber um copo de água — murmura ele. — Estás zangada?

— Não — funga a ogra. E é verdade, já não está zangada.

Diz: — Se quiseres, faço-te um molho.



Então fazem o molho, constroem escadas...

E quando chega o segundo domingo, a pequena ogra dá-se conta de que não tem vontade nenhuma de comer aquele rapaz.

Mas, quando se é uma ogra com sete anos, em plena fase de crescimento, tem de se comer crianças. Se não, fica-se doente.

E é o que acontece. Segunda-feira, a pequena ogra sente-se fraca.

Terça-feira, tem febre. Quarta-feira, está a tremer e já não se pode levantar.

O rapaz fica dia e noite à cabeceira da ogra.

Só a deixa para ir preparar uma infusão ou uma compressa de água morna.

No sono, a ogra range os dentes e murmura: — Hei-de comê-lo, hei-de comê-lo...

O rapaz dá-lhe a mão para afastar o pesadelo.

Na quinta de manhã, quando ele acorda, tem a mão na boca da ogra. — Acho que é melhor eu ir-me embora — diz.

A ogra mostra-lhe um sorriso minúsculo e murmura: — Era xó p'ra provar.

Então, o rapaz vai-se embora.

Mas pensa muitas vezes na pequena ogra.

Não consegue deixar de pensar nela. Um dia, muito tempo depois, decide ir visitá-la. A pequena ogra cresceu. Tornou-se uma jovem ogra muito bonita.

O rapaz nem quer acreditar no que vê. —Voltei — diz. — E, agora, gostava de casar contigo.

Então a ogra promete que não vai comer mais ninguém. Casam e têm muitos filhos.

À quarta de tarde passeiam com a família na floresta. De cada vez que isso acontece, a ogra pensa: "Foi aqui que encontrei o meu marido." E, a seguir, diz: — Despachemo-nos, meninos, são quase horas do lanche.

